

Haverá algo de errado no café?

O sr. Salvador de Toledo Artigas, membro da Sociedade Rural Brasileira e ex-secretário da Agricultura de São Paulo, em reunião semanal da SRB, realizada sob a presidência do sr. Salvo de Almeida Prado, declarou:

"Atribuiu-se ao sr. presidente da República uma frase, que teria sido proferida certamente num momento de irreflexão, configurando o café como coisa errada. Não afirmamos e nem contestamos a veracidade do fato, mas estamos propensos a aceitar que, mesmo que a frase não tenha sido expressa, o café, no Brasil, tornou-se coisa errada.

As promissoras perspectivas com que nos deparávamos no início deste ano, como tivemos oportunidade de afirmar em janeiro, em trabalho publicado pelo jornal "O Estado de S. Paulo", estão sendo anuladas pelos desacertos com que tem sido conduzida a nossa política cafeeira, a ponto de provocar a mais séria e mais calamitosa crise no nosso meio produtor de café.

Ao referir-me ao meio produtor de café, estou citando a sua maioria absoluta, ou seja, a que é composta pelos que se dedicam exclusivamente, ou quase, ao cultivo do café e também aqueles que assim o fazem com o seu comércio, pois não teria cabimento incluir nesse rol capitalistas, industriais ou mesmo agricultores, todos auferindo benefícios em atividades estranhas e, porque possuem uma pequena área cultivada com café, se permitem a emitir juízos errôneos e infundados, como teria feito um velho lavrador paulista ao declarar ao marechal Castelo Branco que o café, pelos atuais preços, era um ótimo negócio.

E preciso que se acentue não terem as condições técnicas, que prometiam as promissoras perspectivas, se alterado, a não ser para favorecer mais a situação estatística, com a tremenda redução ocorrida na produção prevista para a presente safra, cujas esti-

mativas mais recentes não vão além de 4 milhões de sacas colhidas.

A redução das áreas de produção, em número e capacidade de produção, pode ser arbitrada em cerca de 50% do potencial existente em 1961, o que afastou, em definitivo, os temores de novas superproduções, pelo menos, no Brasil.

Nesse sentido, não só o esgotamento das regiões adequadas ao cultivo, como a competição vantajosa e melhor assistida oficialmente de outras atividades agrícolas, puseram para de lado o "rush" cafeeiro, notando-se antes a tendência acelerada para redução maior, contingenciando nossas produções anuais em torno de 15 ou mesmo 20 milhões de sacas, co-



mo média otimista, o que não dará para cumprir o atual esquema internacional de quotas e o nosso consumo interno.

Apesar desse diagnóstico indiscutível, os preços do café e a sua exportação caíram desastrosamente, a ponto de se verificar perigosa estagnação no comércio do café e prenúncios de um verdadeiro caos econômico nas zonas, onde a influência econômica do café é fundamental.

Evidentemente, deve haver algo errado no café, mas, antes de prosseguir na análise do problema e apontar os erros cometidos, queremos deixar bem claro que comungamos e colaboramos com os promotores do movimento revolucionário e que confiamos no presidente Castelo Branco, e ainda esperamos que, melhor esclarecido, s. excia. saberá pôr termo a essa seqüência de erros cometidos pelos seus assessores e dar o devido norteamento à política do café, pois, todos compreendemos perfeitamente que o nosso presidente, não estando afeito ao complexo mecanismo do café, teria que confiar nos seus auxiliares técnicos, na presunção honesta de que estes, aceitando a incumbência, se julgavam capacitados.

Pediu-se paciência e confiança, sob a promessa de que os chamados economistas, que assumiram os cargos de direção, estavam devidamente capacitados a encontrar orientação sadia e acertada, invocando, para tanto, o alto gabarito de que vinham aureolados. Argumenta-se que poderia ser pior, se continuasse o regime anterior e que devemos nos conformar. Não sei se aqui não cabe a anedota do português bronco, vendo que ia perder a mão direita nas engrenagens da máquina e a retira, colocando a esquerda, de menos utilidade.

Armamo-nos de toda a paciência e confiança, como nem os anjos seriam capazes e, passados 120 dias, contemplamos os resultados ruinosos da ação dos chamados economistas.

O café tem as cotações em franco declínio e a sua exportação se reduziu. Os preços poderão cair mais e a exportação poderá continuar na mesma estagnação, pois mercado indefeso é mercado à margem.

E assim tinha que ser, pois não é concebível que assunto de tal magnitude possa ser conduzido por homens inexperientes e desconhecedores dos mais mezinhas detalhes da produção, preparação e comercialização do café, como os que hoje se acham à frente do

